

3.

A língua inglesa e seu papel a partir da segunda metade do século XX

“Acredito ter escrito que Wren, em troca de algumas aulas de italiano, havia-me iniciado no estudo do infinito idioma inglês. Prescindi, no possível, da gramática e das frases feitas para a aprendizagem e entramos diretamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. Meu primeiro contato com a linguagem que povoaria minha vida foi o valioso *Requiem* de Stevenson; depois vieram as baladas que Percy revelou ao decoroso século XVIII. Pouco antes de partir para Londres, conheci o deslumbramento de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete uma culpa, da eminência dos alexandrinos de Irala.” (Jorge Luis Borges, O Congresso. In: *O livro de areia*, 2001)

A discussão desenvolvida no capítulo anterior mostrou que o desejo de criação de uma língua universal no século XVIII estava diretamente ligado aos ideais do Iluminismo. Objetivos religiosos e comerciais faziam parte da busca pela língua única de comunicação, considerada neutra, que não privilegiasse nenhuma língua em relação às outras. Como mencionado anteriormente, essa busca não cessou até a primeira metade do século XX, com as línguas internacionais auxiliares (LIA). A partir de então, não houve mais projetos que se destacassem, cujo objetivo fosse a criação de uma língua universal.

Após inúmeras tentativas, segundo Eco (2002), os estudiosos que acreditavam em tais propostas perceberam que era inútil e até ingênuo tentar criar uma língua universal, artificial e estática, isto é, que não se alterasse e adquirisse novas formas a partir do uso. Ele ressalta que, considerando o fato de as línguas nascerem dos gênios de povos completamente distintos, é possível concluir que jamais existirá uma língua universal. Como dito no capítulo anterior, as línguas são socialmente transmitidas e possuem características históricas e sócio-culturais que variam de acordo com o grupo de falantes e o local onde estes se encontram. Desta forma, Eco conclui que seria algo fora da realidade remeter as línguas humanas a uma suposta matriz unitária e originada espontaneamente das línguas naturais. Realmente, parece inviável imaginar a possibilidade de todas as nações terem os mesmos costumes, sentimentos e ideias e os expressarem utilizando uma única

língua. Aceitar esta possibilidade seria ignorar toda e qualquer diversidade social, educacional, racial, política, econômica, geográfica, climática e todas as outras que existem entre os povos do mundo.

A partir da segunda metade do século XX, a discussão acerca da criação de uma língua universal passou a dar lugar à discussão a respeito da possibilidade de existência de uma língua global¹⁶ (Crystal, 2003). Como discutido anteriormente, a língua universal almejada era uma língua artificial, já a língua global tem como característica principal ser natural. Isto quer dizer que uma determinada língua natural, ao ser utilizada por um extenso número de falantes, é alçada ao status de global. Esta utilização extensiva de uma determinada língua natural está normalmente ligada a fatores políticos e econômicos. O conceito de língua global e as razões que levam uma língua a atingir tal status serão explorados no decorrer deste capítulo. Para auxiliar a discussão que se segue, selecionei as obras de Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b). O que há em comum entre esses linguistas é a discussão das consequências positivas e/ou negativas do uso de uma língua global e a necessidade desta língua na contemporaneidade. Além disso, tais linguistas oferecem suas contribuições visando facilitar o uso da língua global. Estas discussões são relevantes para este trabalho.

3.1. A língua global de David Crystal

Há uma grande diferença entre a língua universal, cuja criação era a almejada até a primeira metade do XX e aquela que linguistas, como Crystal, têm chamado de língua global. Este linguista faz considerações relevantes a respeito das origens, papéis e consequências de uma língua global na atualidade. Além disso, suas reflexões são importantes para uma melhor compreensão das diferenças entre os projetos de língua universal dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX e a língua global da contemporaneidade. É necessário questionarmos e compreendermos o que é uma língua global e qual a sua importância na comunicação.

¹⁶ Também chamada por Crystal (2003) de língua franca ou língua comum.

3.1.1.

Quando uma língua se torna global

Quando Crystal (2003) se refere a uma língua global, ele está se referindo a uma língua natural, amplamente difundida em âmbito internacional e não a uma língua artificial, como as discutidas no capítulo anterior. Uma determinada língua ascende naturalmente ao status de global sem qualquer planejamento prévio.

Em primeiro lugar, Crystal afirma que uma língua chega ao status de global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em vários países do mundo. Para adquirir tal status, uma língua deve ser adotada como a língua oficial ou semioficial de alguns países. Uma língua pode ser considerada semioficial quando é utilizada em ocasiões específicas, como em reuniões políticas e conferências internacionais, ou quando esta língua divide seu status de oficial com outra ou outras línguas, como acontece na Índia, por exemplo, onde o hindi e o inglês dividem o papel de línguas oficiais. Além dessas possibilidades, uma língua é considerada global quando é usada como língua de comunicação oficial do governo, dos juízes, da mídia e do sistema educacional. Nestes casos, a língua global também é chamada de segunda língua (L2). No entanto, este termo deve ser utilizado com cautela, tendo em vista que muitas pesquisas linguísticas utilizam-no para se referir a qualquer língua usada por um falante que não seja a sua língua materna (L1) (Ellis, 1997). Crystal utiliza o termo língua global para indicar a segunda língua oficialmente ou semioficialmente reconhecida por uma comunidade de falantes.

Em segundo lugar, na visão de Crystal, um outro fator que contribui para que uma língua seja considerada global é esta ser a língua estrangeira mais ensinada nas escolas. Em muitas instituições de ensino de vários países diferentes, o ensino de uma língua estrangeira é obrigatório. Esta obrigatoriedade está ligada à importância já dada nesses países à língua inglesa como língua de comunicação internacional.

Além das razões histórico-geográficas e sócio-culturais, Crystal enfatiza as razões políticas, que também contribuem para uma língua ser considerada global. O latim é um bom exemplo citado por ele. Este se tornou uma língua global não pelo número de pessoas que o usavam, mas pela força do Império Romano. Naquela época, existia o latim clássico literário, utilizado por aqueles que tinham prestígio. Esta língua era ensinada nas escolas como língua padrão em todo o mundo

ocidental. Existia também o latim vulgar, utilizado no dia a dia em várias regiões como Portugal, Espanha, França, Itália e Romênia¹⁷. Crystal (2005) afirma que havia certamente uma falta de entendimento devido ao uso dos dois latins, considerados por ele como duas línguas diferentes.

Com a queda do Império Romano, o uso do latim clássico se tornou menos intenso. No entanto, este se manteve como língua global por algum tempo, devido ao poder da igreja católica. Sem uma base de poder sólido - político, religioso ou militar -, uma língua não pode se consolidar como língua global. Sendo assim, para que uma língua alcance a posição de língua global, é preciso que, primeiramente, adquira poder.

Com o passar do tempo, o latim clássico foi se restringindo cada vez mais aos clérigos e estudiosos dentro da igreja católica romana e a um grupo de amantes e estudiosos desta língua. Fora da igreja e do mundo acadêmico, o latim clássico não tinha espaço. Já o latim vulgar, que era utilizado na comunicação diária, foi se modificando, se fragmentando e adquirindo características diferentes, de acordo com cada região na qual era utilizado. O latim vulgar deu lugar às línguas românicas. A queda do Império Romano propiciou a diversidade e liberdade linguísticas. Desta forma, a língua global adotada durante o Império Romano desapareceu (Crystal, 2003).

Crystal cita ainda o grego como um exemplo relevante de língua global utilizada no passado. Tal língua predominou no Oriente Médio há mais de 2000 anos, devido ao poder do exército de Alexandre o Grande, e não à influência de intelectuais como Platão e Aristóteles. Conforme afirma Eco (2002), as conquistas de Alexandre o Grande fizeram com que a língua grega *Koinè* surgisse. Esta língua foi resultado da fusão de alguns dialetos gregos existentes naquela época e assumiu o papel de língua franca no Oriente Médio e no Mediterrâneo. Apesar de ter perdido seu status para o latim após a dominação romana, o grego ainda sobreviveu como língua de cultura. Dando continuidade aos exemplos, Crystal (2003) afirma que na África e no Oriente Médio predominou a língua árabe, por força do poder islâmico. Quanto às Américas, as línguas dos colonizadores, ou seja, o espanhol e o português, foram impostas aos colonizados. O francês também teve

¹⁷ O latim clássico era usado na literatura e na fala das pessoas cultas, a chamada classe social dos patrícios. Já os membros das camadas populares, também chamados de plebeus, usavam o latim vulgar na fala e em escritas que não tinham pretensões literárias. O latim vulgar caracterizava-se pela desordem na flexão nominal e verbal, pelo uso de um vocabulário popular e pelo desrespeito a regras e convenções gramaticais. (Câmara, 1986)

seu lugar como língua global oficial. Este papel é inquestionável ao observarmos as políticas do Renascimento. A manutenção e expansão de tais línguas foram viabilizadas por um forte poder econômico.

Segundo Crystal, o que é realmente determinante para uma língua alcançar o status de global e, principalmente, mantê-lo, é o poder de seus usuários, principalmente os poderes político e militar. Além desses dois poderes, o crescimento das indústrias, da ciência e da tecnologia também é um fator extremamente importante para o fortalecimento de uma língua. As questões referentes à estrutura gramatical de uma língua, seu vocabulário e sua literatura passam a desempenhar um papel secundário na determinação de uma língua global.

O fato inquestionável é que, quanto maior a necessidade de comunicação entre grupos de línguas diferentes, maior é a necessidade de uma língua comum para possibilitar tal comunicação. Esta língua favorece a realização de negócios e acordos políticos e financeiros. Além disso, uma língua global viabiliza a aproximação de membros de comunidades linguísticas distintas e permite eliminar ou reduzir os custos com tradução, utilizada em eventos internacionais.

Na próxima seção veremos a gradativa consolidação da língua inglesa como língua global desde a segunda metade do século XX até os dias atuais.

3.1.2.

A língua inglesa estava no lugar certo e na hora certa.

Ao observarmos o caminho que a língua inglesa foi traçando desde o século XIX até os dias de hoje, percebemos que esta língua estava no lugar certo na hora certa. É importante compreender os motivos que elevaram o inglês ao status de língua global da contemporaneidade.

No início do século XIX, a Inglaterra se tornou líder industrial. No fim deste mesmo século, a população dos Estados Unidos era maior do que a de qualquer país da Europa e sua economia crescia vertiginosamente. No século XX, a supremacia econômica dos Estados Unidos fez com que o inglês se expandisse ainda mais. O inglês se tornou preeminente na política, na economia, na imprensa, na propaganda, na radiodifusão, no cinema, na música popular, nas viagens e na

educação. É importante compreender os motivos que elevaram o inglês ao status de língua global da contemporaneidade.

Inicialmente, o poder da língua inglesa emergiu em função do colonialismo, que fez com que esta língua se espalhasse pelo mundo a partir do século XIX. De acordo com Crystal (2003), o sucesso da língua inglesa como língua global se deu devido ao êxito das expedições feitas pela Inglaterra rumo ao Novo Mundo. A primeira expedição bem sucedida ocorreu em 1607 na baía de Chesapeake, hoje cercada pelos estados de Maryland e Virginia. Alguns anos depois, uma nova expedição chegou a Massachusetts e esta região ficou conhecida como *New England* (Nova Inglaterra). Desde então, a língua inglesa se espalhou rapidamente pelos Estados Unidos. É importante ressaltar que não foi somente a presença dos colonizadores ingleses que acelerou o domínio da língua inglesa nos Estados Unidos. A partir do século XIX, um número maciço de imigrantes dominou a América do Norte. Irlandeses, alemães, italianos e judeus europeus fugiam das revoluções que ocorriam em seus países. Desta forma, as diferenças culturais, econômicas e linguísticas aumentavam consideravelmente. A língua inglesa do colonizador era usada como a língua de comunicação entre os povos de culturas e línguas tão variadas como os que passaram a viver nos Estados Unidos.

Além da rápida expansão dentro dos Estados Unidos, a língua inglesa passou a se direcionar cada vez mais para o norte, até que chegou ao Canadá. A língua inglesa passou a ser utilizada neste país por volta de 1497, mas só se consolidou no século seguinte, quando fazendeiros, pescadores e comerciantes falantes de língua inglesa foram atraídos ao Canadá.

Crystal resalta que a língua inglesa também se espalhou rapidamente em direção ao sul dos Estados Unidos, isto é, às ilhas do Caribe. No entanto, a língua inglesa passou a se modificar nessa região devido ao grande número de escravos africanos que eram levados ao Caribe e à costa dos Estados Unidos. Da comunicação entre os navegadores, falantes de língua inglesa, e escravos africanos surgiram vários tipos de pidgins, também denominados de línguas de contato¹⁸.

A rápida expansão da língua inglesa não parou nas ilhas do Caribe. No século XVIII, a Inglaterra construiu sua primeira colônia penal em Sydney, na Austrália.

¹⁸ Os pidgins são línguas especializadas, usadas no comércio ou atividades semelhantes, por aqueles que não dispõem de qualquer outra língua em comum. As línguas pidgins se caracterizam por terem uma gramática simplificada e um vocabulário altamente restrito, se comparados à língua ou línguas das quais se originam. (Lyons, 1987)

Aproximadamente 130.000 prisioneiros foram levados à Austrália durante 50 anos, a partir da chegada da primeira frota em 1788. A imigração, principalmente de Londres e da Irlanda, aumentava consideravelmente por causa dos interesses comerciais relacionados à pesca e, com isso, o uso da língua inglesa se consolidava. A língua inglesa chegou mais tarde à Nova Zelândia, expandindo-se de forma bem mais lenta. Visando a expansão dos negócios já existentes na Austrália, os caçadores de baleias, pescadores e comerciantes começaram a ocupar a Nova Zelândia a partir de 1790, aumentando significativamente o número de imigrantes e fortalecendo, assim, o uso da língua inglesa na região.

Ainda com referência ao colonialismo britânico e à consequente expansão da língua inglesa pelo mundo, Crystal destaca a chegada dos colonizadores ingleses à África do Sul. O controle britânico foi estabelecido na Cidade do Cabo em 1806 e a língua inglesa passou a desempenhar o papel de língua oficial a partir de 1822. O inglês passou a ser a língua oficial das leis e da educação. Logo após o domínio britânico, algumas variantes da língua inglesa começaram a surgir em função do número de dialetos africanos existentes. O inglês continuou com seu papel de língua oficial de comunicação na África do Sul, mas os dialetos africanos foram mantidos. Consequentemente, este fato fez com que grande parte da população da África do Sul se tornasse bilíngue. Até que em 1993 a constituição sul africana determina 11 línguas como oficiais, incluindo a língua inglesa. Esta política oficial reforçou o multilinguismo em vários países da África¹⁹ e, como consequência, reforçou o papel da língua inglesa como língua global oficial, ou seja, como a língua usada na comunicação entre falantes de línguas e dialetos diferentes.

A língua inglesa também desempenha um papel muito relevante na Índia. O primeiro grupo britânico a chegar à Índia foi o da *British East India Company* em 1600. Este grupo era formado por mercadores vindos de Londres que obtiveram da rainha Elizabeth I o monopólio do comércio naquela área. A empresa teve início em Madras, Bombaim e Calcutá. Desde então, o papel da língua inglesa na Índia cresceu muito. A partir da segunda metade do século XIX, quando as universidades de Bombaim, Calcutá e Madras foram inauguradas, a língua inglesa passou a ser considerada a língua oficial da educação. Este fato fez com que essa língua crescesse e se fortificasse ainda mais. Por outro lado, assim como na África, existia

¹⁹ Crystal (2003) ressalta que a língua inglesa também ganhou status de língua oficial em vários países do oeste da África como: Serra Leoa, Gana, Gâmbia, Nigéria, República dos Camarões, Libéria, Botsuana, Quênia, Lesoto, Malaui, Namíbia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.

um grande número de dialetos falados na Índia, apesar de a língua oficial ser o hindi. Nos anos 1960, houve o que Crystal chama de *three language formula* (fórmula das três línguas). Esta fórmula significou que a língua inglesa passou a ser oficialmente considerada como uma das línguas de comunicação, juntando-se, assim, ao hindi e aos dialetos, os quais eram utilizados principalmente no sul da Índia.

Além de dominar a Índia, o inglês também passou a ser considerado oficial em Cingapura a partir dos anos 1950, visando uma padronização entre as línguas faladas naquele país – malaio, mandarim e tâmil. O domínio da língua inglesa em Cingapura, misturado aos dialetos locais, fez surgir o *Singlish*, isto é, a língua inglesa de Cingapura.

É importante considerar que a propagação da língua inglesa também está diretamente ligada ao poder tecnológico. Como pode ser observado no trecho a seguir:

“O poder tecnológico está associado à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores que fizeram aquela revolução trabalhava usando o inglês, e as pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha (e para os EUA mais tarde) a fim de aprender as novas tecnologias tinham inevitavelmente de fazê-lo em inglês. O século XIX viu o crescimento do poder econômico dos Estados Unidos, ultrapassando com rapidez a Grã-Bretanha, com o crescimento espantoso de sua população acrescentando muito ao número de falantes de inglês no mundo.” (Crystal, 2005, p. 23)

Com o aumento das relações político-comerciais entre povos de diversos lugares do mundo, a partir da Revolução Industrial, surgiu a necessidade de uma língua que pudesse facilitar a comunicação entre eles. No entanto, a noção da necessidade de uma língua global só ganhou força em 1945, em uma reunião realizada no foro internacional para comunicação política, nas Nações Unidas. Naquela época, tal organização contava com 51 Estados como membros. Em 1960, este número subiu para 80 e, com todos os movimentos de independência de países colonizados, este número aumentou consideravelmente. Em 2003, por exemplo, havia 191 membros na ONU.

O crescimento político, econômico e social dos Estados Unidos levou ao fortalecimento da língua inglesa e, conseqüentemente, à sua consolidação, que, por sua vez, foi reforçada com o processo de globalização. Tal processo teve início na segunda metade do século XX. A consequência foi a quebra das barreiras políticas,

econômicas, tecnológicas e sociais entre vários países. As relações entre muitas nações de inúmeras partes do mundo foram se tornando cada vez mais “permeáveis”, como afirma Meyrowitz (1999). Uma das características principais da era da globalização é a crescente permeabilidade das fronteiras físicas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Isto significa que houve um movimento de homogeneização e que várias partes do mundo estão se aproximando e adquirindo características similares em vários aspectos. Para que a quebra das várias barreiras se concretizasse, foi necessária a utilização de uma única língua, que permitisse a comunicação entre diversas nações do mundo. No século XX, os Estados Unidos já tinham garantido a posição de nação mais poderosa no mundo. Consequentemente, a língua inglesa firmava-se como a língua oficial de comunicação da globalização.

Na qualidade de língua oficial ou semioficial, o inglês já é adotado em mais de 70 países na contemporaneidade. Como mencionado anteriormente, é possível destacar como exemplos: Gana, Nigéria, Índia e Cingapura. Como língua materna, a concentração maior de falantes de inglês está nos Estados Unidos, com 70% dos falantes (Crystal, 2003). Esta predominância, aliada aos poderes políticos e econômicos dos Estados Unidos, faz com que os norte-americanos controlem os rumos que a língua inglesa vem percorrendo.

Contemporaneamente, o inglês é ensinado em mais de 100 países como língua estrangeira, como na China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito, Brasil, entre outros. Em muitos desses países, este ensino tem caráter obrigatório. Desde os anos 1960, a língua inglesa é dominante no meio acadêmico. Esta língua é utilizada em publicações de artigos em revistas acadêmicas e em apresentações em congressos internacionais. Além desses fatores, é importante lembrar que alguns dos melhores cursos universitários estão localizados em países nos quais o inglês é a língua materna, como os Estados Unidos e Inglaterra. Seguindo o raciocínio de Crystal, um dos segredos do sucesso de negócios relacionados à educação é o acesso ao conhecimento, e este somente é possível a partir da utilização de uma língua de comunicação. Conforme os motivos citados acima, a língua inglesa se tornou a língua oficial da educação.

A difusão da língua inglesa pelo mundo, assim como sua utilização como língua global, fazem com que esta incorpore características diversas, de acordo com o local no qual é utilizada. Tal diversidade foi batizada de “novos ingleses” por Crystal (2003). Este tema será retomado posteriormente, em maiores detalhes.

É praticamente impossível determinar, hoje, o número de falantes de inglês. Crystal afirma que este é usado na atualidade por um quarto da população mundial. Isto significa que, logo no início do século XXI, um bilhão e meio da população mundial estava usando o inglês. Tal fato nos remete aos 3 círculos da língua inglesa sugeridos por Kachru (1988) e ressaltados por Crystal (2003) como uma fotografia apropriada da situação da língua inglesa na contemporaneidade.

O primeiro círculo é chamado de círculo interno (*inner circle*). Este círculo refere-se aos locais nos quais a língua inglesa é usada como língua materna, a exemplo dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Irlanda, do Canadá, da Austrália e da Nova Zelândia. O segundo círculo é o círculo externo (*outer circle*), no qual estão incluídos os países que consideram a língua inglesa uma língua oficial ou semioficial, ou seja, nos quais o inglês divide o status de oficial com a língua materna do país, ou é a língua utilizada em eventos políticos e conferências internacionais. Neste caso, é possível incluir Cingapura, a Índia, o Malauí e as Filipinas. Finalmente, o terceiro círculo é denominado círculo em expansão (*expanding circle*). Neste círculo estão incluídas todas as nações que reconhecem a importância da língua inglesa como língua global e a utilizam em reuniões políticas e eventos internacionais. Além disso, estas nações incluem o ensino da língua inglesa no currículo escolar. Como alguns exemplos destas nações estão o Japão, a China, a Grécia, o Brasil e várias outras.

É importante questionarmos os impactos dessa rápida expansão da língua inglesa pelo mundo.

3.1.3.

Possíveis atitudes em relação a uma língua global.

Apesar de a língua inglesa ser considerada a língua global da contemporaneidade, esse tema ainda gera muitas controvérsias e reações, algumas vezes, pessimistas, como o receio de que o inglês possa ameaçar a existência de outras línguas no mundo. Tais reações serão descritas na seção que se segue.

3.1.3.1.

Língua global: um perigo?

Crystal (2003) aponta alguns possíveis problemas provocados pela utilização da língua inglesa como língua global. Estes problemas são chamados por ele de “perigos”. O primeiro “perigo” seria o surgimento de uma elite linguística. Em outras palavras, aqueles que dominassem muito bem a língua global e a utilizassem como língua materna teriam vantagens em relação aos outros falantes. Tais vantagens poderiam significar melhores oportunidades de trabalho, ascensão social e sucesso pessoal. Esse primeiro “perigo” é chamado por Crystal de poder linguístico. Somente os falantes nativos de uma língua global possuem esse poder. Aqueles que utilizam a língua global como língua estrangeira ou como língua de comunicação estão em uma posição muito inferior em relação aos falantes nativos. Como é possível observar abaixo:

“O risco certamente é real. É possível, por exemplo, que os cientistas cuja língua materna não seja o inglês levem mais tempo para assimilar documentos escritos em inglês em relação aos falantes nativos de inglês. Estes cientistas terão, conseqüentemente, menos tempo para a realização de seus próprios trabalhos criativos. É possível, também, que as pessoas que escrevem suas pesquisas em outras línguas tenham seus trabalhos ignorados pela comunidade acadêmica internacional. É possível que executivos experientes que não tenham como língua materna o inglês e que trabalhem em empresas nas quais o inglês seja a língua materna, como em algumas partes da Europa e da África, se sintam em desvantagem em relação aos colegas nativos de língua inglesa. Este fato pode ocorrer principalmente em reuniões que envolvam o uso da linguagem informal.” (Crystal, 2003, p.16)²⁰

A afirmação de Crystal (2003) parece contraditória, se considerarmos o número de publicações acadêmicas em língua inglesa feitas por pesquisadores que não utilizam o inglês como língua nativa²¹. Certamente as publicações acadêmicas internacionais são feitas em língua inglesa, já que esta também é a língua global do mundo acadêmico. No entanto, para a publicação ser aceita não é necessário ter

²⁰ “The risk is certainly real. It is possible, for example, that scientists who do not have English as a mother tongue will take longer to assimilate reports in English compared with their mother-tongue colleagues, and will as a consequence have less time to carry out their own creative work. It is possible that people who write up their research in languages other than English will have their work ignored by the international community. It is possible that senior managers who do not have English as a mother tongue, and who find themselves working for English-language companies in such parts of the world as Europe or Africa, could find themselves at a disadvantage compared with their mother-tongue colleagues, especially when meetings involve use of informal speech.” (tradução minha)

²¹ Para maiores detalhes a respeito de publicações acadêmicas internacionais ver <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

sido escrita por um nativo de língua inglesa. O fato é que, de acordo com Crystal, não ser nativo ou bilíngue em inglês é uma desvantagem para o falante. A solução para essa desvantagem seria ensinar a língua global desde o início da vida escolar. Desta forma, as crianças seriam bilíngues e o elitismo linguístico desapareceria por completo. Esta possível solução seria apoiada pelo fato de que, como ressalta Crystal, toda criança já nasce preparada para o bilinguismo.

O segundo “perigo” gerado por uma língua global é chamado por Crystal (2003) de complacência linguística. O questionamento principal em relação a este “perigo” é se existe a possibilidade de uma língua global desestimular os adultos a aprender outras línguas estrangeiras, uma vez que dominam a língua global, neste caso, a língua inglesa. A complacência linguística traz a sensação de que aprender uma língua que não seja a língua global é uma tarefa desnecessária, já que, na prática, somente a língua global seria utilizada, além da língua materna do falante. No entanto, Crystal afirma que algumas comunidades de língua inglesa já estão se conscientizando da necessidade de mudar essa atitude, principalmente em relação a negócios realizados com comunidades que não são de língua inglesa. O Japão e a China, que vêm crescendo vertiginosamente, em termos econômicos, podem servir de exemplos.

Algumas escolas na Austrália já incluíram o ensino do japonês em seu currículo, ao passo que, algumas escolas americanas e britânicas optaram pelo espanhol, já que o número de imigrantes que utilizam o espanhol como língua materna tem aumentado rapidamente nos EUA. Com base nesses exemplos, parece que a complacência linguística não terá lugar garantido na contemporaneidade. O fortalecimento econômico, político e militar de outras nações que não fazem uso do inglês como língua materna, representa, conseqüentemente, o fortalecimento de suas línguas maternas.

O terceiro e último “perigo” descrito por Crystal é a morte linguística, ou seja, a possibilidade de a língua global provocar o desaparecimento de línguas minoritárias. Isso poderia de fato ocorrer, pois a língua global teria poder suficiente para influenciar outras línguas. Conforme comentado anteriormente, as línguas são dinâmicas e flexíveis. Sendo assim, as línguas minoritárias absorveriam características da língua global e se moldariam a esta, até perderem suas características iniciais e desaparecerem por completo. Esta constatação parece contraditória, tendo em vista a própria afirmação de Crystal de que uma língua

global tem a função de possibilitar a comunicação entre povos de línguas diferentes. Desempenhar o papel de língua de comunicação, ou seja, de língua global, não significa que essa língua será usada em todas as situações e por todos os falantes de uma sociedade. Também não significa que outras línguas serão desnecessárias. É relevante observar a possibilidade cogitada por Crystal:

“Talvez a presença de uma língua global faça com que as pessoas tenham preguiça de aprender outras línguas, ou reduza as oportunidades destas pessoas aprendê-las. Talvez a língua global acelere o desaparecimento de línguas minoritárias, ou – a ameaça final – faça com que todas as outras línguas sejam desnecessárias.” (Crystal, 2003, p. 15)²²

É difícil afirmar com precisão se o inglês global vai causar o desaparecimento de línguas minoritárias. Crystal (2003) ressalta que existem movimentos em prol das línguas minoritárias em várias partes do mundo. Estes movimentos estão normalmente ligados a movimentos nacionalistas que visam à preservação de características culturais de certas comunidades. Apesar da forte influência do inglês global no mundo, os movimentos nacionalistas contribuem para a divergência linguística. Não podemos negar a influência que o inglês global vem exercendo sobre outras línguas, sejam estas minoritárias ou não. No entanto, devemos nos questionar se essa influência é suficientemente forte para modificar a estrutura de uma língua, ou até mesmo para eliminá-la.

A possibilidade mais viável é a de que algumas palavras da língua inglesa global sejam totalmente incorporadas ao léxico de outras línguas, ou adaptadas, adquirindo características específicas da língua materna de uma comunidade. Um exemplo disso é a palavra inglesa *check in*, que em português significa o procedimento de registro de um hóspede em um hotel ou a apresentação do bilhete de embarque por um passageiro em um aeroporto. Esta palavra foi totalmente incorporada ao português brasileiro, podendo ser encontrada nos principais dicionários da língua portuguesa²³, grafada exatamente como a palavra da língua inglesa – *check in*. Além disso, tanto em inglês quanto em português, o significado é o mesmo. Existem outros exemplos similares como as palavras *online* e *check list* (lista detalhada de itens a serem checados) que são usadas tanto em português

²² *Perhaps the presence of a global language will make people lazy about learning other languages, or reduce their opportunities to do so. Perhaps a global language will hasten the disappearance of minority languages or – the ultimate threat – make **all** other languages unnecessary.* (tradução minha)

²³ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – versão online.

brasileiro quanto na língua inglesa com o mesmo significado. Como exemplo de vocábulo totalmente adaptado para o léxico do português brasileiro, podemos citar o verbo deletar, que em português brasileiro quer dizer apagar. O verbo deletar foi adaptado do verbo inglês *to delete*, que também significa apagar. Estes são bons exemplos da influência da língua inglesa sobre outras línguas. Esta influência pode ser considerada positiva, pois aumenta e enriquece os itens lexicais de uma língua. Crystal ressalta que a própria língua inglesa sofreu influências semelhantes de várias outras línguas ao longo de sua existência. Como podemos observar no trecho a seguir:

A língua inglesa se apropriou de palavras de mais de 350 línguas e mais de $\frac{3}{4}$ do léxico do inglês têm origem clássica ou românica. Certamente, a visão de que a apropriação de palavras de outras línguas pode levar uma língua ao declínio é um absurdo, uma vez que, a língua inglesa foi a que mais incorporou palavras de outras línguas. As características das línguas mudam conforme as apropriações vão ocorrendo, e tal fato não agrada em nada aos puristas. Estes são incapazes de apreciar os ganhos significativos gerados pela possibilidade de se fazer escolhas lexicais...” (Crystal, 2003, p. 23)²⁴

É possível perceber que, no trecho acima, Crystal contesta o terceiro “perigo” (a morte linguística), apresentado por ele mesmo, no qual afirma que a língua global teria poder suficiente para influenciar uma outra língua a ponto de eliminá-la. Como ele mesmo afirma, parece absurdo pensar que a incorporação de algumas palavras da língua inglesa, por exemplo, possa levar ao declínio e à destruição de outras línguas.

Como já discutido no capítulo anterior, parece inviável a existência de uma única língua no mundo, seja esta artificial ou natural. Também é inviável a existência de uma língua totalmente pura, que nunca tenha sofrido influência de outras línguas. As línguas são dinâmicas, flexíveis e carregam características sociais e culturais impossíveis de serem deixadas de lado em prol de uma língua única e totalmente “pura”. Por outro lado, é inegável que a língua inglesa conquistou e vem mantendo seu status de língua de comunicação no mundo contemporâneo.

²⁴ “English has borrowed words from over 350 other languages, and over three-quarters of the English lexicon is actually Classical or Romance in origin. Plainly, the view that to borrow words leads to a language’s decline is absurd, given that English has borrowed more words than most. Languages change their character, as a result of such borrowing, of course, and this too upsets purists, who seem unable to appreciate the expressive gains which come from having the option of choosing between lexical alternatives...” (tradução minha)

3.1.4.

Para onde a língua global da contemporaneidade está caminhando?

Crystal (2003) nos propõe uma questão que deve ser levada em consideração: o inglês vai continuar na sua posição atual ou é possível que seu status de global seja desafiado por outra língua? O fato é que essa questão deve ser bem analisada, pois se trata de um assunto delicado e polêmico, já que envolve os aspectos culturais e de identidade dos falantes.

Ao nos lembrarmos do latim como língua global, que parecia imbatível e insubstituível na época do Império Romano, observamos que esta língua desapareceu e se tornou uma língua morta. No entanto, se observarmos todo o espaço conquistado pela língua inglesa nos dias de hoje, não parece provável que esta seja substituída por outra língua. Os fatores que levaram o inglês à posição de global ainda permanecem muito fortes. Diferentemente do latim, que era considerada uma língua estável em seu status mundial e linguístico, a língua inglesa vem perdendo sua estabilidade linguística uma vez que vem se transformando com mais rapidez na atualidade do que em outras épocas desde o Renascimento (Crystal, 2003). A partir do momento em que uma determinada língua é falada por tantas pessoas de diferentes partes do mundo, ela sofre alterações que são inevitáveis. Isso ocorre com a língua inglesa, que cresce vertiginosamente como primeira língua, como segunda língua e como língua estrangeira; “três em cada quatro falantes de inglês não são nativos hoje.” (Crystal 2005, p. 34). Estes dados nos mostram que o grande desafio dos falantes nativos de inglês hoje em dia é se acostumar com a ideia de que não estão mais no controle das tendências da língua. O inglês já deixou de pertencer a qualquer uma de suas comunidades constituintes.

Os falantes de inglês, como segunda língua ou como língua estrangeira, desenvolvem um inglês próprio. Há hoje muitas variedades novas de inglês falado se desenvolvendo ao redor do mundo. Essas novas variedades são chamadas por Crystal (2003) de “novos ingleses”. Os “novos ingleses” surgiram e continuam surgindo dada a necessidade de tais grupos de falantes da língua inglesa de expressar sua identidade nacional. Como já mencionado, um exemplo interessante são os países da África como Gana, Nigéria, dentre outros. Após a independência destes países, houve um forte desejo de os colonizados manifestarem suas identidades através de seus dialetos, algo difícil de ser realizado quando eram dominados pelos colonizadores. No entanto, os colonizados perceberam que a

inviabilidade de cada grupo utilizar seu dialeto próprio e conseguir se comunicar com os outros grupos. Esta inviabilidade está ligada ao fato de que existe uma grande variedade de dialetos diferentes em cada país da África. Sendo assim, a melhor alternativa foi continuar com a língua do colonizador, dado que esta língua era utilizada como língua de comunicação antes da independência. Com o passar do tempo, a língua do colonizador foi adquirindo características locais e moldando-se conforme as culturas dos falantes. Desta forma, novos vocabulários, expressões e usos foram surgindo e o inglês foi deixando de ser a língua do colonizador para ser uma nova língua, um “novo inglês”, a língua do colonizado. A partir desta mesma tendência, surgiram o inglês de Cingapura (*Singlish*) e o inglês da Índia.

Na visão de Crystal, o futuro do inglês no seu papel de língua global, mundial é o de ser uma língua de dialetos múltiplos, ou seja, uma língua multilíngue. Ele nos lembra que isso não significa que o inglês vá se fragmentar em várias outras línguas, como aconteceu com o latim no passado. Existem uma força centrífuga e uma força centrípeta que operam no inglês contemporâneo. A força centrífuga é a necessidade, inerente a cada grupo, de ter sua própria língua, ou seja, de expressar suas características culturais e sociais e suas identidades através da língua. Já a força centrípeta foi alavancada pelo processo de globalização e pelo surgimento dos meios de comunicação e das mídias digitais (Internet, televisão digital, rádio, telefone celular, jogos eletrônicos, dentre outros). Estes fatores contribuíram para uma padronização cada vez maior da língua inglesa. Com isso, o papel do inglês como língua global foi se consolidando mais e mais. Crystal (2005) apresenta um bom exemplo da ação da força centrípeta: um colega do Conselho Britânico surpreendeu-se ao visitar um pequeno vilarejo na Índia e se deparar com um grupo grande de indianos concentrados em frente de um aparelho de televisão, assistindo ao noticiário da BBC transmitido via satélite. Certamente, este grupo nunca tinha tido nenhum outro contato com a língua inglesa, a não ser com a língua inglesa ensinada nas escolas, ou seja, o inglês da Índia, repleto de características do hindi e de dialetos da Índia.

As forças centrífuga e centrípeta fazem com que o inglês seja uma língua padronizada e, ao mesmo tempo, repleta de variações. O resultado da busca pela comunicação e pelo entendimento entre os usuários da língua inglesa é sua padronização cada vez maior. Por outro lado, a necessidade que um certo grupo usuário da língua inglesa tem de expressar sua identidade cultural faz com que o

inglês se modifique cada vez mais e incorpore características dos diferentes grupos de falantes que o utilizam.

Diferentemente do que ocorre com o inglês atualmente, as forças centrípetas não estavam presentes há mil anos, quando o latim era a língua dominante. Quando o Império Romano começou a se fragmentar, não havia nada que impedisse as forças centrífugas de separar o latim falado (vulgar) do latim padrão. Conforme já afirmado, havia o latim padrão e o latim falado. O número de falantes do latim padrão em toda a Europa era muito pequeno e declinava cada vez mais. O latim padrão passou a ser usado por um pequeno número de clérigos e estudiosos, em especial dentro da igreja católica. Há mil anos não existia a força centrípeta, que poderia salvar o latim e tentar evitar seu desaparecimento, não existiam ainda os meios de comunicação e as mídias digitais, que permitem que essa força aja. Sem estes fatores foi impossível conter o desaparecimento do latim e o crescimento e domínio de várias línguas que surgiram a partir da língua latina. Dentre estas línguas, chamadas de “filhas do latim” ou línguas românicas estão: o português, o espanhol, o catalão, o francês, o italiano e o romeno. Crystal (2005) nos lembra que, nos dias atuais, o mundo inteiro é muito menor em termos de comunicação do que a Europa era naquela época. A força centrípeta diminuiu as distâncias de comunicação no mundo moderno. Nos nossos dias, a comunicação pode ocorrer entre pessoas de diversas partes do mundo. Para isso, basta que estas estejam conectadas à Internet e dominem o inglês global.

O isolamento entre as pessoas faz uma língua comum se mover em direções diferentes. Na Idade Média, era muito fácil para as comunidades ficarem isoladas do resto do mundo. Hoje, isso é praticamente impossível, devido aos meios de comunicação e, principalmente, por causa da Internet. As consequências decorrentes das ações das forças centrífuga e centrípeta agindo concomitantemente na língua inglesa fazem com que esta se mantenha como língua global e, ao mesmo tempo, incorpore diferenças culturais de várias nações. Como afirma Crystal (2005):

“Queremos expressar nossa identidade através da língua e nos comunicar inteligivelmente através dela. Queremos ser diferentes e iguais. E a coisa mais esplêndida sobre o uso da língua pelos seres humanos é o fato de isso ser perfeitamente possível. É o tipo de situação com que o cérebro multifuncional lida muito bem. *Podemos* ter nosso bolo e comê-lo. Uma das principais descobertas da linguística do século XX foi demonstrar a capacidade extraordinária do cérebro para a língua. Uma das consequências foi a observação de que o bilinguismo e o

multilinguismo são a condição humana *normal*. Muito mais da metade das pessoas no mundo, talvez dois terços, é bilíngue” (Crystal, 2005, p. 48)

A realidade dos nossos dias revela que toda a variedade da língua inglesa isto é, dos “novos ingleses”, pode ser um fator positivo na história das línguas. Por outro lado, o aumento das variações existentes nos “novos ingleses” pode causar, e provavelmente já está causando, novos problemas de comunicação entre os falantes de diferentes regiões. Visando evitar esses problemas, Crystal (2003) sugere uma variação da língua inglesa que deveria ser usada universalmente, ou seja, enuncia um projeto de língua inglesa global.

3.1.5. O projeto de Crystal

A solução encontrada por Crystal (2003) para evitar os problemas de comunicação originados pelas inúmeras variantes da língua inglesa existentes na contemporaneidade é chamada por ele de *World Standard Spoken English* (WSSE). Esta língua, como ele explica, seria a língua inglesa global ideal usada na comunicação entre pessoas de diversas partes do mundo. O *World Standard Spoken English* desempenharia o papel de língua de comunicação internacional dos eventos, dos congressos, das reuniões políticas, dos negócios, do cinema, das interações via Internet, das publicações acadêmicas, etc. Infelizmente, Crystal ainda não ofereceu muitos detalhes em relação à estrutura do *World Standard Spoken English* e alega que este ainda está muito no início e que na verdade, ainda não nasceu, isto é, não se desenvolveu por completo. Mesmo no início e sem uma estrutura completamente formada, ao que me parece, o *World Standard Spoken English* é um projeto de língua inglesa única e padronizada, sugerido por Crystal. Ele, no entanto, chama o *World Standard Spoken English* de um “novo tipo de língua inglesa”, “nova variedade de inglês”, “variedade global neutra da língua inglesa” ou “inglês com presença global”. Vejamos a seguir os motivos que me levaram a concluir que o *World Standard Spoken English* é um projeto de língua única de comunicação.

Crystal afirma que o *World Standard Spoken English* não substituiria nenhuma língua ou dialeto já existentes. Esta língua seria utilizada somente para

auxiliar a comunicação entre falantes de línguas distintas. Ele prossegue explicando que este uso concomitante do *World Standard Spoken English* e de outras línguas seria possibilitado pelo fato de as pessoas já serem naturalmente “multidialetais”²⁵. Isto quer dizer que os falantes normalmente utilizam um dialeto em casa com a família, outro na escola, outro no trabalho ou quando estão viajando, ou seja, tendem a ser mais formais ou informais, a utilizar gírias ou vocabulário específico e a simplificar ou não as estruturas gramaticais de acordo com o contexto de uma conversa e com seus interlocutores. Seguindo o raciocínio de Crystal, esta característica essencialmente multidialeto dos seres humanos contribui para o surgimento e a consolidação do *World Standard Spoken English* como a língua inglesa global do mundo contemporâneo.

O *World Standard Spoken English* é descrito por Crystal de forma bem superficial como uma língua padronizada, que tem como características principais a neutralidade e uma estrutura gramatical simples. Ele prossegue afirmando que seria aceitável que o *World Standard Spoken English* incorporasse alguns desvios das normas gramaticais que já fossem frequentemente utilizados por usuários não-nativos de inglês nos dias de hoje. Além disso, o falante seria responsável por evitar o uso de palavras ou expressões que pertencessem à sua região específica, isto é, regionalismos. A alternativa seria optar por formas neutras e que fossem entendidas por qualquer falante de língua inglesa não-nativo. Crystal, no entanto, não apresenta detalhes mais concretos sobre como seria possível chegar à neutralidade, quais desvios gramaticais utilizados pelos falantes não-nativos seriam aceitáveis e incorporados ao *World Standard Spoken English* e quais palavras ou expressões seriam consideradas regionalismos.

A neutralidade e a padronização da língua inglesa, para que esta seja utilizada por falantes não-nativos, nos remete aos projetos que visavam à criação de uma língua universal e artificial descritos no capítulo anterior. Como já discutido, não existe uma língua neutra e que não possua características culturais de seus falantes. Além disso, é difícil imaginar que seja possível para um falante não-nativo de inglês identificar os regionalismos que devem ser evitados e os desvios

²⁵ Chomsky (2005, p. 60) ressalta que: “O bilinguismo é normal à espécie humana no sentido trivial de que o mundo é tão complexo que um estrito monolinguismo seria quase inconcebível. Mesmo na menor das sociedades de caçadores e coletores, com quinze pessoas na tribo, haverá diversidade. Pessoas não são clones, e na medida em que haja alguma diversidade haverá algum grau de multilinguismo... toda pessoa é multiplamente multilíngue, num sentido mais técnico. Dizer que as pessoas falam línguas diferentes é um pouco como dizer que elas vivem em lugares diferentes, ou têm aparências diferentes...”

gramaticais aceitáveis. Para que isso seja possível, é necessário haver uma padronização no ensino do *World Standard Spoken English* para falantes não-nativos, ou seja, é preciso um planejamento inicial, que defina as características sintáticas, morfológicas e lexicais desta língua. Estas deveriam permanecer inalteráveis. Isto, por sua vez, quer dizer que o *World Standard Spoken English* seria uma língua engessada e fechada para qualquer tipo de alteração que surgisse a partir de seu uso.

Tudo isso leva à conclusão de que o WSSE não passa de um projeto de língua universal. Certamente, levando em consideração os fracassos dos projetos de língua universal do capítulo anterior, é possível afirmar que o *World Standard Spoken English* também tem grandes chances de fracassar. A única diferença que merece ser destacada entre este projeto criado por Crystal e os projetos dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX é que o *World Standard Spoken English* tem como base uma língua natural.

Apesar de ser evidente que o *World Standard Spoken English* é um projeto de língua estática e fechada a alterações, ou seja, uma língua artificial, Crystal afirma que esta língua possibilitaria e facilitaria a comunicação entre pessoas de diferentes países e, ainda assim, os falantes continuariam com seus dialetos próprios que seriam usados em seus países ou com seus grupos culturais. O *World Standard Spoken English* não substituiria o dialeto natural, seria um complemento, ou seja, uma língua de comunicação que garantiria uma inteligibilidade internacional. O domínio do *World Standard Spoken English* e da língua ou dialeto local colocaria, como afirma Crystal, o falante em uma posição de poder em relação aos que dominam somente a língua ou o dialeto local. Caberia, então, ao falante escolher o dialeto mais adequado, de acordo com a situação de comunicação. Para Crystal, com o *World Standard Spoken English* o falante não precisaria abandonar sua língua de cultura e de identidade em prol da língua global, mas teria a chance de utilizá-la, quando necessário²⁶. E é perfeitamente aceitável, linguisticamente, a utilização de mais de uma variante ou de uma língua por uma comunidade de falantes.

²⁶ Nos dias atuais, a língua inglesa vem, cada vez mais, adquirindo características de uma língua diglósica, isto é, a língua que possui uma variante ou variantes que são usadas concomitantemente em uma sociedade. Crystal sugere que analisemos nações como Cingapura e as Filipinas. Na Cingapura existe o inglês padrão (britânico) e sua variante o *Singlish*, que é a língua de identidade. Nas Filipinas existe também o inglês padrão e o *Taglish*.

Como apresentado no capítulo anterior, uma das razões principais para o fracasso de todos os projetos de língua universal foi o fato de ser impossível dissociar uma língua das características culturais e sociais de seus falantes. As línguas são vivas, dinâmicas e socialmente transmitidas e a tentativa de criar uma língua neutra de comunicação que possa ser utilizada por qualquer falante em qualquer lugar do mundo, sem ter suas características alteradas, parece ser algo utópico. Crystal e o seu projeto, ainda não completamente desenvolvido, do *World Standard Spoken English* deixam claro que a busca por uma língua universal ainda não terminou, mesmo depois de todos os fracassos dos projetos anteriores.

É importante ressaltar que não somente Crystal, mas outros linguistas sugerem projetos de uma língua inglesa única de comunicação. Discussões de outros dois linguistas sobre o papel do inglês no presente também serão levadas em consideração a seguir.

3.2.

A língua franca de Seidlhofer

Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) também sugere a utilização de uma língua inglesa padrão como língua de comunicação na contemporaneidade. No entanto, assim como Crystal, Seidlhofer não apresenta sua sugestão como um projeto. Pelas mesmas razões que me fizeram chamar o *World Standard Spoken English* de Crystal de um projeto, creio que Seidlhofer esteja apresentando um projeto de língua inglesa única como solução para os problemas de comunicação gerados pelas inúmeras variantes da língua inglesa encontradas nos dias de hoje. É importante ressaltar que as considerações desses dois linguistas possuem alguns pontos divergentes, a começar pelo termo usado para se referir à língua inglesa utilizada no mundo contemporâneo. O que Crystal batizou de inglês global, Seidlhofer chama de *English as a Lingua Franca* (ELF). Apesar de utilizarem termos diferentes, esses dois linguistas estão falando do mesmo uso da língua inglesa. Veremos a seguir em quais momentos as discussões de Seidlhofer se assemelham ou divergem das considerações de Crystal.

De acordo com Seidlhofer (2005), o *English as a Lingua Franca* se refere à língua inglesa utilizada durante a comunicação entre falantes de culturas diversas

não-nativos de inglês. Esta língua, também chamada por ela de “língua de contato”, é flexível e tem a capacidade de se moldar de acordo com o grupo de falantes que a utiliza. Isto quer dizer que o *English as a Lingua Franca* sofre alterações sintáticas, lexicais e fonéticas, de acordo com a língua materna de um determinado grupo de falantes. Tais alterações são relevantes, mas não o suficiente para impedir a comunicação entre falantes que possuam línguas maternas distintas. No entanto, podem gerar algumas dificuldades durante o processo de comunicação.

Assim como Crystal, Seidlhofer (2005) afirma que, nos dias atuais, a língua inglesa não pertence mais aos seus falantes nativos. Esta língua já pertence a todas as nações que a utilizam, seja como língua materna, como língua estrangeira ou como língua franca. Desta forma, a apropriação²⁷ de qualquer língua, ou como explica Seidlhofer (2003), os poderes de adaptar, moldar e mudar uma língua, estão ligados aos seus usuários e o fato destes serem nativos, não-nativos, bilíngues ou plurilíngues não é relevante. Além disso, ela enfatiza que a apropriação que os falantes não-nativos fazem da língua inglesa não significa uma ameaça para outras línguas, isto quer dizer que o papel do *English as a Lingua Franca* está bem definido. O que realmente merece ser destacado é o fato de que o número de falantes não-nativos de inglês já ultrapassou o número de falantes nativos desta língua. Sendo assim, o poder de alterar ou de moldar a língua inglesa está predominantemente nas mãos de seus usuários não-nativos. Estes ditarão os rumos do inglês no futuro. Como afirma Seidlhofer (2003, p.11)²⁸: “o inglês está aqui para ficar.”, mesmo que não seja do agrado de todas as nações e de todos os seus usuários. Em outras palavras, o papel do inglês como língua de comunicação nos dias atuais é inegável e este fato parece ser inquestionável tanto para Crystal quanto Seidlhofer. De acordo com esta premissa, o *English as a Lingua Franca*, assim como o inglês global descrito por Crystal, absorvem características culturais e sociais de seus usuários.

Seguindo o mesmo caminho percorrido por Crystal, Seidlhofer (2003) descreve algumas reações em relação ao uso da língua inglesa como língua franca e oferece suas contribuições para que esta seja usada de forma mais eficiente. Na realidade, como será argumentado abaixo, Seidlhofer também desenvolve um projeto de língua inglesa padrão. Veremos nas próximas seções as razões que me

²⁷ Seidlhofer (2003) utiliza a expressão “*the ownership of language*” para se referir à apropriação de uma língua.

²⁸ “*English is here to stay.*” (tradução minha)

levaram a concluir que Seidlhofer também está propondo um projeto de língua inglesa. Sua proposta vai além do projeto de elaboração de uma língua inglesa padronizada e aborda a questão do ensino desta língua mundialmente.

3.2.1.

O ensino do *English as a Lingua Franca* para não-nativos como alternativa de comunicação universal eficaz

Conforme discutido anteriormente, após a II Guerra Mundial, os Estados Unidos se firmaram como a nação mais poderosa do mundo, tanto política quanto economicamente. Como consequência, o ensino da língua inglesa para não-nativos se espalhou pelo mundo. Seidlhofer (2003) afirma que o foco do ensino da língua inglesa desde então é equivocado. A autora justifica este equívoco afirmando que o objetivo principal da grande maioria dos professores, educadores, editores e aprendizes está voltado para a proficiência nativa, ou seja, a preocupação principal ao ensinar ou aprender a língua inglesa como língua estrangeira é se aproximar ao máximo possível do *English as a Native Language* (ENL), isto é, do inglês utilizado pelos falantes nativos. Com o intuito de explicitar tal equívoco, a autora destaca alguns pontos que devem ser levados em consideração quando se trata do ensino eficaz da língua inglesa como língua franca no mundo. Dentre estes pontos, destacarei 2 durante esta exposição.

Os materiais didáticos são de extrema importância durante o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Este é o primeiro ponto destacado por Seidlhofer e é chamado por ela de ponto pedagógico. Na grande maioria das vezes, somente o inglês como língua nativa parece ser importante durante a elaboração dos materiais didáticos usados no ensino da língua inglesa para falantes não-nativos. Um dos maiores enganos desses materiais didáticos na visão de Seidlhofer é o de focar prioritariamente os aspectos culturais dos norte-americanos. Com o intuito de dominar a língua inglesa, os aprendizes não-nativos sentem a necessidade de se aproximarem ao máximo dos nativos, neste caso, dos norte-americanos, tendo em vista que estes são tidos como modelos de falantes nativos ideais. Além deste fato, é preciso lembrar também que a maioria dos falantes nativos de língua inglesa se encontra nos Estados Unidos da América. A constante busca pela competência nativa enfatiza o corretismo e não a inteligibilidade da

língua inglesa utilizada pelo falante não-nativo, o que Seidlhofer considera um equívoco. Além disso, relacionar a noção de corretismo somente a uma variante da língua inglesa, o inglês americano, parece ser uma atitude completamente fora da realidade. Nos dias de hoje, é impossível ignorar as inúmeras variantes existentes da língua inglesa, nas mais diferentes partes do mundo. Seidlhofer alega, portanto, que o foco do ensino de língua inglesa para não-nativos não deve ter como objetivo principal chegar à fluência nativa, mas alcançar um bom nível de competência no *English as a Lingua Franca*. Sendo assim, ela sugere que esta questão seja revista e que os educadores entendam bem as diferenças entre ensinar a língua inglesa como língua franca e como língua materna. Para tanto, é necessário reconsiderar o foco de ensino da língua inglesa para não-nativos, e esta reconsideração envolve muito mais do que questões somente linguísticas e culturais; representa questionar o poder linguístico dos norte-americanos e de seus educadores, tirar o foco central da cultura norte-americana e lutar com grandes e renomadas editoras. Neste último caso, seria necessário que as editoras investissem em um longo processo de criação, confecção, edição, divulgação, distribuição, e venda de novos materiais didáticos. Independentemente destas barreiras, Seidlhofer ressalta a necessidade e urgência de os educadores focarem no ensino do *English as a Lingua Franca* e não do *English as a Native Language*.

Além dos materiais didáticos, Seidlhofer assinala que para se aprimorar o ensino do *English as a Lingua Franca* é necessário saber como esta língua realmente funciona. Isto quer dizer que, visando aprimorar o ensino desta, é preciso entender como sua estrutura funciona na fala e na escrita, e quais são as características particulares e principais que a distinguem do *English as a Native Language*. Este é o segundo ponto apontado por Seidlhofer e é chamado por ela de ponto linguístico. A importância de se entender melhor o funcionamento do *English as a Lingua Franca* é justificada pelo fato de o “E” do *English as a Native Language* ser completamente diferente do “E” do *English as a Lingua Franca*. Tais diferenças não devem ser ignoradas.

Seidlhofer afirma que os principais pontos a serem investigados em relação ao *English as a Lingua Franca* são: as construções gramaticais e as escolhas lexicais mais apropriadas que facilitariam o uso desta língua; os fatores que possivelmente dificultam a comunicação e causam mal-entendidos; as construções que são consideradas desvios da norma no *English as a Native Language*, mas não

causam problemas no *English as a Lingua Franca* e; finalmente, as construções simplificadas do *English as a Native Language* que foram incorporadas sistematicamente ao *English as a Lingua Franca*.

Seidlhofer (2003) denomina esta investigação de codificação do *English as a Lingua Franca*. Veremos na seção que se segue que, ao propor esta codificação, Seidlhofer está sugerindo a uniformização da língua inglesa para que esta seja usada em qualquer parte do mundo, da mesma forma, como língua de comunicação. Apesar de chamar essa codificação do *English as a Lingua Franca* de “modelo de língua” ou “proposta de língua”, parece-me que ela nada mais é do que um projeto que resultaria na universalização da língua inglesa. Veremos, brevemente, as proposições de Seidlhofer na próxima seção.

3.2.2.

O projeto de *English as a Lingua Franca* de Seidlhofer

O projeto de padronização da língua inglesa criado por Seidlhofer (2003) é um trabalho detalhado de análise de um corpus bem variado e extenso do *English as a Lingua Franca*²⁹. Definitivamente, trata-se de um projeto longo, trabalhoso e ousado que tem como principal objetivo detectar as semelhanças e as diferenças entre o *English as a Lingua Franca* e o *English as a Native Language*. Como é inviável que uma língua mantenha as mesmas características ao mudar de contexto, a sugestão de Seidlhofer é que os falantes e aprendizes do *English as a Lingua Franca* foquem na eficiência, na relevância e na praticidade desta língua, ao invés de tentarem se aproximar cada vez mais do *English as a Native Language*. Em outras palavras, seria passar do inglês real (*English as a Native Language*) para o inglês realístico (*English as a Lingua Franca*), isto é, seria adaptar e simplificar a língua inglesa para que esta se torne mais eficaz no seu papel de língua universal da contemporaneidade, como nos leva a crer Seidlhofer.

²⁹ Para mais detalhes sobre a pesquisa realizada por Seidlhofer acessar http://www.univie.ac.at/voice/page/what_is_voice. Este site se refere ao grupo de pesquisa VOICE (*Vienna-Oxford International Corpus of English*) que já possui um corpus coletado a partir de interações naturais que utilizaram o ELF. Foram feitas gravações de entrevistas, seminários, palestras, workshops e outros eventos acadêmicos e de negócios com falantes de aproximadamente 50 línguas diferentes e que estavam utilizando o ELF durante tais eventos. No momento, o VOICE conta com mais de 120 horas de gravações de mais de 1250 falantes de ELF, contabilizando mais de 1 milhão de palavras.

Assim como o projeto do *World Standard Spoken English* (WSSE) de Crystal (2003), o projeto de codificação do *English as a Lingua Franca* imobilizaria a língua inglesa e a tornaria neutra, sendo utilizada da mesma forma por qualquer grupo de falantes de qualquer parte do mundo. Acredito que o sucesso dessa codificação seja inviável pois, como discutido no capítulo anterior, as diversas línguas naturais existentes no mundo são socialmente transmitidas e possuem características culturais, políticas, sociais e históricas que variam de acordo com sua comunidade de origem.

Diferentemente de Crystal (2003), que, como vimos nas seções anteriores, não oferece detalhes a respeito do seu projeto *World Standard Spoken English*, Seidlhofer (2002) desenvolve substancialmente seu projeto de codificação do *English as a Lingua Franca* de acordo com 4 critérios:

- 1) Uso endonormativo (*endonormative*) do *English as a Lingua Franca*. Isto quer dizer que o ensino e a utilização desta língua não devem ser voltados para os falantes nativos. Este uso permite a adaptação de normas já existentes no *English as a Native Language* e o desenvolvimento de novas regras.
- 2) Criação de um corpus de *English as a Lingua Franca*. Este critério está ligado ao ponto linguístico, destacado por Seidlhofer. Este corpus permitirá a comparação do *English as a Native Language* e do *English as a Lingua Franca* e é considerado um pré-requisito para o sucesso do projeto de codificação.
- 3) Neutralidade cultural: a completa neutralidade cultural em uma língua é um fator inviável, pois toda e qualquer língua está diretamente ligada à cultura de seus falantes. No entanto, Seidlhofer (2004) alega que existem níveis realizáveis de neutralidade cultural e que o *English as a Lingua Franca* deve permanecer o mais longe possível da bagagem cultural pré-fabricada pelo *English as a Native Language*. Como exemplo deste tipo de bagagem cultural, ela destaca os provérbios e as expressões idiomáticas, que devem ser eliminados do *English as a Lingua Franca*.

- 4) Este último critério defende que o *English as a Lingua Franca* não deve, em hipótese alguma ser guiado, analisado e codificado por um falante nativo de língua inglesa. A codificação deve seguir princípios pedagógicos, mais do que linguísticos. Sendo assim, a codificação deve ser feita por um falante não-nativo de língua inglesa que seja especialista em educação e ensino do inglês como língua estrangeira. Este critério está ligado ao ponto pedagógico de Seidlhofer (2003) e critica o fato de o ensino do *English as a Lingua Franca* ter como meta uma maior aproximação em relação ao *English as a Native Language*. O objetivo principal deve ser a inteligibilidade e, para tal, a quebra ou criação de novas regras são aceitáveis e necessárias.

Vejamos a seguir como Seidlhofer justifica a viabilidade do seu projeto de codificação do *English as a Lingua Franca*.

3.2.2.1.

Uma real possibilidade do inglês como língua franca?

Seidlhofer (2002) apresenta outras vantagens referentes ao que denomino projeto de língua inglesa de comunicação, comparando-o com o projeto criado por Crystal (2003), o *World Standard Spoken English*. A partir desta comparação e da crítica que faz ao projeto de Crystal (2003), ela reforça sua teoria de que a codificação do *English as a Lingua Franca* é a alternativa mais apropriada para a comunicação eficiente. Além disso, Seidlhofer explica as razões pelas quais escolheu a língua franca chamada BASIC English³⁰, criada por Charles Kay Ogden em 1930, como inspiração para o seu projeto de codificação do *English as a Lingua Franca*. É importante destacar que ela utiliza os termos proposta e modelo para se referir aos projetos de Crystal e de Ogden.

Seidlhofer alega que o *World Standard Spoken English* de Crystal (2003) é limitado e incompleto, motivo pelo qual ainda não deve ser considerado realmente um modelo ou proposta, como ela afirma. Outra característica criticada é a

³⁰ Para uma compreensão mais detalhada da estrutura desta língua acessar <http://ogden.basic-english.org/>

tendência de Crystal de seguir o modelo do *English as a Native Language* americano ou britânico, preferencialmente o americano. Como pode ser observado:

“O inglês americano parece ser o de maior influência no desenvolvimento do WSSE... Muitas questões gramaticais no uso do inglês britânico contemporâneo mostram a influência das formas do inglês americano, a ortografia do inglês americano vem sendo mais e mais utilizada (especialmente em contextos no computador)...” (Crystal, 2003, p. 188)³¹

Tal persistência na perspectiva do inglês nativo americano faz com que o *World Standard Spoken English* não se encaixe nos 4 critérios determinados por Seidlhofer (2002), não sendo, portanto, um modelo eficaz e viável de *English as a Lingua Franca*.

Por outro lado, Seidlhofer defende um modelo de *English as a Lingua Franca* não muito inovador, mas, em sua opinião, muito mais eficiente do que o *World Standard Spoken English* de Crystal e que pode ser perfeitamente aceitável nos dias de hoje: trata-se do BASIC English. O acrônimo BASIC significa *British American Scientific International Commercial*. Este foi criado logo após a II Guerra Mundial, quando aumentou a necessidade de comunicação entre falantes de nações diversas.

O BASIC foi chamado de a “língua franca do mundo” por George Wells em sua obra *The shape of things to come* (2005/1933), no qual é considerada uma língua conveniente, de comunicação, que pode ser utilizada universalmente. De acordo com Seidlhofer, Wells (2005/1933) chamou a atenção de seus leitores, em sua obra, por apontar um modelo muito pertinente de língua inglesa universal como uma possível língua franca para o futuro. Em seu livro, Wells especula sobre as possíveis mudanças que ocorreriam no futuro entre 1933 e 2106, sob vários aspectos. No aspecto linguístico, o BASIC foi escolhido por não oferecer soluções prontas e modelos fechados e inflexíveis. As características principais do BASIC e as previsões de Wells (1933) parecem fazer muito sentido nos dias de hoje, como aponta Seidlhofer (2002). Vejamos os motivos mais relevantes.

A natureza do BASIC é oferecer a possibilidade de os falantes de qualquer língua utilizarem uma segunda língua, isto é, uma língua franca para comunicação pessoal e profissional. Inicialmente, esta língua não parece ser tão diferente do

³¹ “US English does seem likely to be the most influential in the development o WSSE...Many grammatical issues in contemporary British usage show the influence of US forms, US spellings are increasingly widespread (especially in computer contexts)...” (tradução minha)

English as a Native Language. No entanto, uma análise mais cuidadosa revela que o BASIC nada mais é do que uma simplificação do *English as a Native Language*. O léxico do BASIC é composto somente de 850 palavras. A expansão do léxico é feita pela combinação dessas 850 palavras e pelo uso constante de palavras denominadas internacionais como: *radio, hotel, telephone, bar, club*. Além disso, as regras gramaticais são simplificadas e as exceções abolidas. Estas características são viáveis, pois o BASIC não se prende ao *English as a Native Language*, mas ao inglês realístico descrito por Seidlhofer (2003), ou seja, o inglês utilizado como língua de comunicação. O objetivo é simplicidade e clareza.

O fato é que, diferentemente do *World Standard Spoken English* de Crystal, o BASIC se encaixa nos critérios criados por Seidlhofer (2002). Com o intuito de confirmar a viabilidade de suas características na contemporaneidade, é necessário que o segundo critério sugerido por Seidlhofer (2003), isto é, o critério do ponto linguístico, seja colocado em prática. Desta forma, a análise de um corpus variado do *English as a Lingua Franca* indicará as reais características desta língua nos dias de hoje e determinará se ainda são as mesmas do BASIC ou similares. Além disso, este critério vai servir para verificar se realmente a codificação do *English as a Lingua Franca* sugerido por Seidlhofer (2003) é o melhor caminho para se chegar a uma comunicação eficiente entre os falantes do mundo.

Seidlhofer (2002) tem uma posição positiva em relação ao uso da língua inglesa como a língua franca do mundo e a considera necessária e muito importante nos dias atuais. A partir da análise do *World Standard Spoken English* de Crystal e do modelo de codificação do *English as a Lingua Franca* de Seidlhofer, é possível perceber que ambos os linguistas estão propondo projetos de língua inglesa única visando a comunicação universal. A diferença principal entre estes projetos e aqueles dos séculos XVIII, XIX e início do século XX são as formas pelas quais essas línguas projetadas emergem. No caso dos projetos de Crystal e Seidlhofer, a língua de comunicação está sendo projetada a partir de uma língua natural, a língua inglesa. Desta forma, esta língua mantém um número razoável de características de uma língua natural. Em contrapartida, os projetos discutidos no capítulo anterior não tinham como base uma língua natural, ou seja, a língua tinha que ser projetada do início ao fim artificialmente. Mesmo tendo algumas características de uma língua natural, creio que os projetos de Crystal e Seidlhofer também podem ser considerados projetos de línguas artificiais, pois possuem regras fechadas, que não

devem ser alteradas independentemente de seus usuários e do local de origem destes. Como diz Chomsky (2005), as línguas naturais são voluntárias, não são perfeitas e apresentam problemas para seus aprendizes. Além disso, estas línguas são dinâmicas, flexíveis e estão sempre sofrendo alterações e modificações. Apesar destas diferenças e dos inúmeros fracassos dos projetos que vêm, através dos tempos, tentando encontrar uma língua única de comunicação, a busca por esta prossegue nos dias de hoje.

As questões políticas referentes ao uso da língua inglesa como língua universal não são abordadas por Crystal e Seidlhofer. Tendo a ausência dessa discussão como motivação, selecionei um terceiro linguista, que também discute a questão da língua inglesa como língua única de comunicação, mas tem como foco principal as questões políticas. Veremos na seção que se segue o *World English* de Rajagopalan (2005), o qual também pode ser considerado um projeto de língua universal.

3.3.

O *World English* de Rajagopalan

As discussões de Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b) também são relevantes e auxiliam na constatação do fato de que a busca por uma língua única de comunicação ainda não cessou. De modo análogo ao de Seidlhofer (2005), Rajagopalan chama de “língua de contato” o inglês contemporâneo que vem se expandindo pelo mundo inteiro como língua internacional de comunicação. No entanto, à semelhança de Crystal (*inglês global*) e Seidlhofer (*English as a Lingua Franca*), ele também cria seu próprio termo para se referir a essa língua: *World English*. Vejamos como a língua inglesa adquiriu o status de *World English*, na visão de Rajagopalan (2005).

Rajagopalan (2004b) descreve o *World English* como sendo um fenômeno linguístico que nunca ocorreu anteriormente. Ele também chama esta língua de “*world language*”, “língua de comunicação internacional”, “nova língua” e “*lingua mundi*”. Com base no raciocínio de Rajagopalan, é possível afirmar que o *World English* é uma língua que perdeu qualquer ligação com o mundo anglo-saxão. Isto quer dizer que, por ter se espalhado por várias partes do mundo, o *World English*

pertence a qualquer grupo de falantes que o utilizem. Rajagopalan, Crystal e Seidlhofer estão de acordo quando abordam a questão da apropriação da língua inglesa. Nos dias de hoje, não é mais possível afirmar que esta língua pertença a um grupo de falantes ou região específicos. Rajagopalan vai além dessa constatação ao afirmar que o inglês não é mais a língua materna de nenhum falante. Esta afirmação é justificada por ele, ao afirmar que o falante nativo de língua inglesa é aquele que nasce e cresce em um ambiente monolíngue, sem qualquer exposição a outra língua. Na visão de Rajagopalan, este falante nativo de inglês não existe mais na atualidade, pois os meios de comunicação, as mídias digitais e o elevado número de falantes não-nativos de inglês impedem que haja um falante nativo de língua inglesa completamente monolíngue. É possível observar que a língua inglesa vem sendo usada, ao mesmo tempo, como língua materna e como língua de comunicação por seus falantes nativos. Certamente são duas línguas distintas que podem ser perfeitamente utilizadas de acordo com as necessidades dos falantes.

Conforme discutido anteriormente, Crystal afirma que o ser humano é naturalmente multidialetal, já que utiliza diferentes dialetos de sua língua materna de acordo com seu interlocutor e o local onde esteja. Desta forma, existem os dialetos da casa, do trabalho, do turismo, das conferências, etc. Já vimos nas seções anteriores que os falantes convivem muito bem com os diferentes dialetos e os utilizam em seu benefício. Rajagopalan explica que o *World English* seria a língua utilizada universalmente nos balcões de embarque e salas de espera dos aeroportos, hotéis, conferências de negócios ou acadêmicas, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de futebol, feiras internacionais, etc. Ele prossegue seu raciocínio afirmando que o *World English* é uma língua híbrida, multidialetal e multicultural em constante mutação a partir das influências recebidas de seus inúmeros falantes. Este fato também foi constatado por Crystal e Seidlhofer, que sugeriram o que chamei de projetos, visando solucionar os problemas de comunicação gerados pela extensiva variação estrutural sofrida pela língua inglesa contemporânea. É relevante investigar se Rajagopalan também apresenta sugestões para tentar solucionar essa diversidade.

3.3.1.

Os motivos que levaram ao surgimento do *World English*

O mundo globalizado dos dias de hoje propicia a interação entre povos dos mais diversos lugares. Estes estão cada vez mais próximos e interligados. Esta proximidade se explica pelo rompimento das barreiras, gerado pela globalização, fato que até pouco tempo atrás parecia inimaginável. Rajagopalan (2004a) se refere às barreiras políticas, econômicas e culturais. Todas essas mudanças em curso certamente afetam a identidade linguística de inúmeros falantes no mundo. “Nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras.” (Rajagopalan, 2004a, p. 59). Ele diz ainda que as marcas do mundo pós-moderno são a volatilidade e instabilidade. Parece que essas afirmações se devem ao fato de, na atualidade, sermos bombardeados com um número imenso de informações através das mais variadas fontes (jornais impressos, televisão, rádio, Internet, etc.) e, muitas vezes, em tempo real. Desta forma, o isolamento e a desinformação são difíceis no mundo contemporâneo, pois parece ser praticamente impossível ficar alheio aos acontecimentos. Isto quer dizer que “estamos vivendo a era da informação – hoje somos o que sabemos.” (Rajagopalan, 2004a, p. 59). Em face a todas essas mudanças, certamente a linguagem também é afetada. Rajagopalan constata que a linguagem está ocupando o epicentro de todas as alterações geradas pela globalização, as quais ele compara a um abalo sísmico.³²

De acordo com Rajagopalan (2005), uma das consequências mais importantes dessas mudanças que ocorreram após a globalização foi o considerável aumento do número de usuários de língua inglesa no mundo. Como já mencionado, após o fim da II Guerra Mundial, os Estados Unidos se firmaram tanto política quanto economicamente como a nação mais poderosa do mundo e, como consequência, a língua inglesa se espalhou de forma mais rápida e consolidou seu status de língua de comunicação internacional. Tal acontecimento é considerado um malefício por Rajagopalan:

³² Nicolaci-da-Costa (2005b) complementa as considerações de Rajagopalan afirmando que a globalização também fez surgir a ausência de demarcações sociais, a crescente mobilidade, o nomadismo e a fluidez. A partir de então, surgiram novas necessidades e novas regras de produção, sociabilidade e sobrevivência.

“Sabe-se, por exemplo, que o avanço triunfante da língua inglesa como meio preferido de comunicação internacional está afetando diretamente as demais línguas do mundo. Em tom propositadamente alarmante, Phillipson (1992) discute o fenômeno de “imperialismo linguístico” e fala da “invasão linguística” a que vêm sendo submetidas as demais nações, mediante os empréstimos linguísticos em grandes quantidades. Há quem fale em termos de “glotofagia” (Calvet, 1974), “linguicídio”, “matança linguística”, “canibalismo linguístico” (Phillipson e Skutnabb-Kangas, 1995) e “genocídio linguístico” (Day, 1980) etc... a identidade linguística do cidadão do mundo globalizado também se acha rasgada ao meio pelas forças de submissão ao poder avassalador da influência estrangeira (representada pela língua inglesa) e de resistência e enfrentamento com ingerências sofridas.” (Rajagopalan, 2004a, p. 60)

Rajagopalan parece estar percebendo o domínio da língua inglesa como um adversário a ser combatido, na medida em que se concentra nas consequências negativas geradas pelo domínio da língua inglesa no período de globalização. Este período está ligado à emancipação e liberdade dos homens³³. Este conceito se aproxima das ideias de Kant, pois o desejo por liberdade se acentuou muito após a II Guerra Mundial.

De qualquer modo, não se pode negar o status da língua inglesa como a língua global do mundo contemporâneo. Existe na contemporaneidade o que Rajagopalan (2005) chama de “invasão” da língua inglesa e isto é incontestável. Assim como Crystal, Rajagopalan descreve e analisa brevemente as possíveis atitudes de linguistas, pesquisadores e falantes não-nativos em relação à língua inglesa no seu papel de língua de comunicação.

3.3.2.

A rejeição declarada, a aceitação resignada, o esperanto e o multilinguismo

Como já foi visto, Rajagopalan (2005) afirma que a “invasão” da língua inglesa no mundo está afetando diretamente as outras línguas, o que poderia enfraquecê-las e até levá-las à extinção. Segundo ele, uma das atitudes mais comuns de encarar esta “invasão” é rejeitando a língua inglesa. Como afirma:

³³ Bauman (2001) enfatiza que a modernidade se inicia quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si e prossegue afirmando que a modernidade é, acima de tudo, a história do tempo, pois este passa a ter um predomínio sobre o espaço. Ele afirma que libertar-se quer dizer se livrar de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se* livre para se mover ou agir. Este “sentir-se livre” significa não experimentar dificuldade, obstáculo ou resistência.

“A língua é muito mais que um simples código ou um instrumento de comunicação. Ela é antes de qualquer outra coisa, uma das principais marcas de identidade de uma nação, um povo. Ela é uma bandeira política.” (Rajagopalan, 2004a, p.93)

Rajagopalan acredita que, ao rejeitar o inglês, os falantes estão rejeitando a posição política dos países de língua inglesa, em especial, as pretensões políticas dos Estados Unidos. Ignorar a posição que a língua inglesa ocupa na contemporaneidade significa, contudo, colocar-se à parte e, certamente em uma posição desvantajosa em relação às outras nações no mundo.

Existe, no entanto, outro tipo de reação em relação à língua inglesa como língua de comunicação. Esta é chamada por Rajagopalan de aceitação resignada do inglês. Ele explica que os que aceitam prontamente o inglês como língua de comunicação têm uma atitude derrotista e argumenta que não há nada a se fazer a esse respeito. Essa atitude começou a surgir a partir da rápida expansão do inglês após a II Guerra Mundial.

Além dessas duas atitudes, Rajagopalan menciona uma terceira que é a de acreditar na possibilidade de adoção de outra língua de comunicação e de grande aceitação no mundo, que não seja a língua inglesa. O difícil é imaginar qual língua poderia assumir esse papel. De acordo com Rajagopalan, as candidatas mais fortes são o francês – que já ocupou esse espaço – e o espanhol. É, porém, difícil imaginar essas línguas substituindo a língua inglesa no seu papel de língua de comunicação. Este papel já está muito enraizado e não existem indícios de algo que possa ameaçá-lo.

A quarta reação à extensiva utilização da língua inglesa destacada por Rajagopalan é a possibilidade do retorno de um dos projetos de língua universal artificial do século XIX: o esperanto. Esta posição está ligada ao fato de o esperanto não privilegiar nenhuma cultura em detrimento de outra e não ser a língua materna de ninguém. Desta forma, seria a língua de comunicação realmente neutra. Rajagopalan afirma que esta é uma ideia utópica, já que pretende igualar todas as culturas e acabar com as desigualdades dentre os povos. Para ele, é impossível negar as desigualdades presentes em todas as línguas do mundo, pois estas carregam as características culturais e sociais de seus falantes.

Finalmente, Rajagopalan comenta a quinta reação à invasão do inglês. Afirma que a União Européia tem discutido a viabilidade de adotar o multilinguismo como forma de enfrentar a hegemonia da língua inglesa na contemporaneidade.

Neste caso, três línguas seriam adotadas como línguas de comunicação oficiais, incluindo a língua inglesa. Rajagopalan (2005) não acredita que essa possibilidade se concretize, pois acha muito pouco provável que os falantes queiram se dedicar aos estudos de mais duas línguas além do inglês. Além disso, ele teme que quem já sabe inglês muito provavelmente não se interessará em aprender as outras duas línguas.

Rajagopalan defende o *World English*, considerado por ele uma nova língua, como uma real possibilidade de vencer o que ele considera um grande adversário: a hegemonia da língua inglesa na contemporaneidade.

3.3.3.

O *World English* e a atitude realista como ideal

O aumento da comunicação e das relações entre povos de culturas diversas e de lugares mais variados possíveis é considerado por Rajagopalan um fenômeno linguístico que gera uma nova língua: o *World English*. Conforme ele afirma, esta língua é o inglês sendo usado como língua de comunicação internacional em várias partes do mundo.

Como mencionado na seção anterior, Crystal (2003) é criticado por Seidlhofer (2002) ao enfatizar que o inglês americano parece ser o predominante no seu projeto *World Standard Spoken English*. Rajagopalan (2005) não critica Crystal (2003) diretamente, mas faz questão de enfatizar que o *World English* não deve ser confundido com a língua inglesa usada nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou em lugares nos quais a língua inglesa é a língua nativa. O *World English*, como garante Rajagopalan, já é a língua de comunicação utilizada por falantes não-nativos de língua inglesa. Consequentemente, o *World English* se tornou uma língua de todos e sem uma região definida.

Na visão de Rajagopalan, as reações descritas na seção anterior têm suas limitações. Ele afirma que é necessário ter uma atitude realista em relação ao papel do inglês como língua de comunicação e utilizá-lo quando necessário. Assim como Crystal, Rajagopalan (2005) não desenvolve o *World English* e não oferece muitos detalhes em relação à estrutura desta língua a qual ele considera um novo fenômeno linguístico.

Rajagopalan se contradiz ao afirmar que a melhor maneira de lidarmos com a posição dominante da língua inglesa nos dias atuais é assumirmos uma atitude realista e pragmática, sem subserviência ou rejeição, cientes de que podemos utilizar o *World English* em nosso benefício, sem perda de ideais políticos, características culturais, língua materna e identidade. Podemos perceber que, como mostrado na seção anterior, a língua inglesa era, na concepção de Rajagopalan, um adversário a ser combatido. Contraditoriamente, ele afirma que utilizar o *World English* seria a atitude mais coerente na atualidade, já que os números mostram que praticamente 1,5 bilhões de pessoas no mundo, isto é, $\frac{1}{4}$ da população mundial, já possui algum domínio da língua inglesa ou já a utiliza em seu dia a dia. Além disso, 80 a 90% da divulgação de trabalhos científicos é feita em língua inglesa. Estes números confirmam que:

“... quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história... De nada adianta nadar contra a maré, se soubermos de antemão que isso não vai fazer com que o mar mude seu comportamento.” (Rajagopalan, 2005, p.149)

O *World English* é considerado por Rajagopalan uma língua híbrida, isto é, que absorve características linguísticas, culturais e sociais de seus falantes não-nativos. Por esse motivo, Rajagopalan afirma que esta língua deve ser vista como um espaço de contestação, de reivindicação dos direitos da periferia, de subversão e não de submissão. Os falantes não-nativos têm a possibilidade de se apropriar da língua inglesa e de incluir nesta suas próprias características.

Na visão de Rajagopalan, qualquer projeto de língua inglesa como língua de comunicação pode ameaçar qualquer outra língua. Para evitar qualquer ameaça, a atitude sugerida por ele é dominar o *World English*, e não ser dominado por este. Além disso, é necessário usar muito bom senso e assumir uma atitude crítica sempre, para que os patrimônios linguístico e cultural de cada nação não sejam perdidos em prol da língua inglesa. Se os falantes não-nativos passarem a dominar o *World English* e a utilizá-lo como língua de comunicação universal não estarão colocando em risco suas próprias línguas e culturas (Rajagopalan, 2005).

Tal como Crystal, Rajagopalan não oferece nenhum detalhe em relação à estrutura e ao uso do *World English*. E também, tal como Crystal, parece propor mais um projeto do inglês como língua de comunicação, pois para advogar o uso desta universalmente, é necessário um nível considerável de padronização. A

conclusão a que se pode chegar é a de que se trata de mais um projeto visando a criação de uma língua universal.

3.4.

A incessante busca pela língua única de comunicação

Fica claro, no decorrer deste capítulo, que Rajagopalan complementa as visões de Crystal e de Seidlhofer e nos mostra que, ao dominarmos o inglês como língua de comunicação, estamos abrindo caminhos para a quebra da barreira linguística que ainda resiste, mesmo após o processo de globalização no mundo. Além disso, esse domínio parece nos levar aos ideais iluministas, discutidos no Capítulo II deste trabalho. Isto quer dizer que, os homens, ao dominarem a língua inglesa e não serem dominados por esta, podem atingir o nível de igualdade tão almejado pelos filósofos do Iluminismo. O domínio de uma única língua de comunicação possibilitaria uma comunicação maior entre os homens, sem que estes tivessem que abdicar de suas línguas maternas, culturas ou identidades.

Os projetos do *World Standard Spoken English*, da codificação do *English as a Lingua Franca* e do *World English* descritos nesse capítulo deixam claro que a busca por uma língua universal não cessou na primeira metade do século XX com os projetos de língua universal artificial. A diferença na contemporaneidade é que a busca por uma língua única parte de uma língua natural e amplamente disseminada no mundo: a língua inglesa. Tendo em vista a relevância desta língua, é importante investigar o papel desempenhado pelo inglês após o surgimento da Internet. Isso porque, nessa nova era digital, a necessidade de comunicação entre pessoas de todas as partes do mundo é cada vez maior.

A questão que deve ser analisada é se o inglês também exerce o papel de língua de comunicação dentro da Rede e se existe a tentativa de se criar algum projeto de língua única de comunicação on-line. Este fato será explorado no próximo capítulo.